

A ROTINA DO TEMPO INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARQUES JUNIOR, Osni¹
BORBA, Tânia Margarete de²

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca da rotina na Educação Infantil, demonstrando a sua importância no desenvolvimento unânime da criança, tendo como intenção avaliar diferentes formas de implementação de rotinas planejadas na Educação Infantil através de uma revisão bibliográfica. Para tanto, procurou-se realizar leituras de autores que discutem propostas pedagógicas infantis, observando a organização do tempo, do ambiente e a seleção de atividades. Desta maneira, este trabalho demonstrou o quanto a rotina pedagógica pode transformar o cotidiano escolar tornando as crianças mais seguras e autônomas.

PALAVRAS-CHAVE: Rotina. Educação Infantil. Autonomia.

ABSTRACT: This paper presents a reflection on the routine in kindergarten, demonstrating its importance in the unanimous development of the child, with the intention to evaluate different ways of implementing routines planned in kindergarten through a literature review. To this end, we tried to perform readings of authors who discuss children's educational proposals, noting the organization of time, the environment and the selection of activities. Thus, this study demonstrated how the pedagogical routine can turn everyday school life making the safest and autonomous children.

KEYWORDS: Routine. Childhood education. Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as crianças da Educação Infantil não eram levadas em consideração, por serem pequenas e por terem pouca importância na sociedade, ou

¹ Acadêmico do 7º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIASSELVI.

² Professora orientadora da disciplina de Trabalho de Graduação do 7º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIASSELVI.

seja, eram insignificantes. Com o passar dos tempos e as mudanças nas políticas públicas referentes à infância e nas condições em que as crianças se encontravam é que este panorama foi se reestruturando e atualmente podemos observar maior preocupação com estes seres que na sua mais tenra idade já vão formando o seu caráter.

Neste pensamento também se reestruturou o dia a dia das creches e pré-escolas que atualmente são repletos de atividades organizadas por educadores que, de uma maneira ou de outra, lidam com o espaço e o tempo a todo o momento. Então qual a importância da rotina no desenvolvimento da Educação Infantil? Como organizar tempos de brincar, de tomar banho, de se alimentar, de repousar de crianças de diferentes idades nos espaços das salas de atividades, do parque, do refeitório, do banheiro, do pátio? É tarefa dos educadores organizar o espaço e o tempo das escolas infantis, sempre levando em conta o objetivo de identificar a importância no desenvolvimento da Educação Infantil, proporcionando à criança seu desenvolvimento global e por consequência a formação do seu caráter.

Atualmente todas as instituições de ensino possuem uma rotina e é por meio dela que os professores, alunos e toda a comunidade escolar desenvolvem o seu trabalho. A rotina escolar é organizada por horários, tarefas pré-estabelecidas e atividades cotidianas. Não é uma tarefa fácil estabelecer uma rotina, pois para o adulto o que é considerado ruim e repetitivo, para a criança é fundamental, pois proporciona segurança para que possa desenvolver a sua autonomia, bem como ter o controle das atividades que irão acontecer.

A criança é um sujeito histórico e social, capaz de desenvolver curiosidades, afetos, sentimentos, amizades e sua identidade cultural, portanto, a ideia central é que as atividades planejadas devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais (DIAS, 2010, p. 13). Sendo assim, as instituições de ensino devem criar um ambiente saudável para as relações sociais e para o processo de ensino-aprendizagem.

Não se pode esquecer que a infância corresponde a um período especial, que requer atenção e muitos desafios. É o momento também em que as crianças desenvolvem não só a inteligência, mas a afetividade e a convivência social. Neste período também é possível observar a ampliação de suas habilidades, hábitos,

atitudes e atividades psicomotoras que vão preparando-as física e mentalmente para atuar na sociedade.

Entendendo a Educação Infantil como uma etapa primordial da vida é que se pensou em desenvolver este trabalho, tendo como objetivo principal identificar a importância da rotina escolar na Educação Infantil, e para melhor elucidar esta questão foi realizado o levantamento bibliográfico a partir de diferentes autores, leis e documentos relacionados à Educação Infantil tendo em vista os princípios da pesquisa qualitativa.

2 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil nem sempre foi entendida como vemos hoje. Houve uma época que esta modalidade de ensino era observada apenas como um depósito de crianças que os pais largavam nas mãos de cuidadoras para poderem trabalhar. As cuidadoras, por sua vez, poderiam ser qualquer pessoa sem nenhuma habilitação, pois só cuidavam das crianças, sem se preocupar com o seu desenvolvimento pedagogicamente. Sendo assim, é necessário entender um pouco a respeito dessa história, ou seja, a concepção de criança e os progressos que foram sendo construídos a respeito da infância.

Na Idade Média a forma de lidar com a criança era nula, eram tidas como incapazes e, portanto, nenhuma forma especial em tratá-las se pensava no adulto que poderia se transformar.

A partir da Revolução Industrial surgem as creches. Nesta época o Brasil estava vivendo em crescente desenvolvimento urbano e estruturação do capitalismo, tendo a necessidade da mulher ocupar um lugar no mercado de trabalho e, sem ter onde deixar as crianças, surgiram as creches. As crianças ficam muitas horas distantes de suas mães e precisavam de alguém para cuidá-las.

Durante muito tempo as creches ficaram com a função do cuidar, porém na década de 1980 estudos começaram a ser elaborados em torno do desenvolvimento da infância e começa-se a discutir a verdadeira função das creches e das pré-escolas. Nesses estudos percebeu-se que o desenvolvimento das crianças precisava ser repensado e isso não dependia de classe social. Nos estudos realizados percebeu-se que, independente da classe social, a educação da criança é extremamente importante e que todas deveriam ter acesso a ela.

Anos depois, mais precisamente em 1988, com a renovação da Constituição define-se que a Educação Infantil, da creche à pré-escola, é dever do Estado oferecer o acesso e um direito da família.

Pela quantidade de crianças e por falta de vagas nas escolas, em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirmou os direitos constitucionais da Educação Infantil e, em 1994, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publicou o documento Política Nacional de Educação Infantil que estabeleceu metas, como, por exemplo, a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças, qualificação dos profissionais, formação continuada para profissionais da infância, entre outros, que resultou na reestruturação da educação Infantil que agora refletia também nas condições de trabalho das antigas cuidadoras, ou seja, a partir daquele momento seria necessário ter habilitação para trabalhar com as crianças.

Na reestruturação das leis educacionais em 1996, com a promulgação da emenda constitucional que cria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), priorizou-se a formação profissional da Educação Infantil, sendo necessária a formação em nível superior, como formação mínima, na modalidade Normal. A LDB também reafirma a responsabilidade constitucional dos municípios na oferta da Educação Infantil, contando com a assistência técnica e financeira da União e dos estados.

A Educação Infantil passou a ser legitimada e ser a primeira etapa da Educação Básica, integrando-se ao Ensino Fundamental e Ensino Médio, recebendo a dimensão mais ampla dentro do sistema educacional. A partir daí a criança começou a ser vista como alguém capaz de criar e estabelecer relações, um ser histórico, produtor de cultura, que não precisa ser apenas cuidada, mas preparada para enfrentar os desafios da vida.

Tamanha era a preocupação do governo e da própria sociedade em relação à infância que em 1998 o MEC publicou documentos para credenciamento e funcionamento das instituições de Educação Infantil, tornando os municípios responsáveis pela administração das mesmas. Neste mesmo ano iniciaram-se também estudos visando a elaboração de currículos adequados à Educação Infantil, cuja responsabilidade foi incumbida pela LDB a cada instituição e seus professores. O Ministério da Educação editou o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em 1999, o Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que contemplam documentos norteadores para elaboração e avaliação das propostas pedagógicas na Educação Infantil.

A partir da constituição dos RCNEI, a criança sai da ideia de apenas ser cuidada para também ser educada. Cuidar no sentido de atender a criança nas suas necessidades básicas e educar no sentido de oferecer possibilidades de descobertas e aprendizado, pois é necessário ter a consciência de que é possível preparar a criança desde muito cedo para o exercício da cidadania.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI 1999, no artigo 3º parágrafo III, afirmam:

As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível. (BRASIL, 1999)

A Educação Infantil passa a ser vista com direitos e, portanto, para atender a nova demanda, necessita alterar as práticas pedagógicas, deixando de ser essencialmente assistencialista para ter uma proposta pedagógica como uma ferramenta fundamental no processo educacional.

Segundo Zabala (1998),

a capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais nesta época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesmo e sobre os demais.

Isso significa que educar não é apenas priorizar a parte cognitiva correspondente à aprendizagem das disciplinas ou matérias tradicionais, mas educar o indivíduo de forma integral, e a escola deve promover o desenvolvimento global dos educandos por seu papel educacional.

Diante da história acredita-se que a Educação Infantil tem sido respeitada por todos os segmentos da sociedade contemporânea, pois se entende que

[...] os primeiros anos de vida da criança contribuem para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação caminham juntos, a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista, na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade, afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária

possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. (VIGOTSKY, 1989)

Sabe-se que é necessário continuar investindo na Educação Infantil e em todos os outros segmentos educacionais, mas ainda é provável que a Educação Infantil vive um período de transição, entre visões assistencialistas e educacionais, entre favor e direito constitucional e que, mesmo estando citada em documentos legais, precisava receber todo e qualquer apoio seja de fonte humana quanto financeira, pois é sabido que existem fundos, como, por exemplo, o FUNDEB, que são imprescindíveis no desenvolvimento da Educação Básica.

3 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

A ideia que se tinha de criança anos atrás é bem diferente da ideia que se tem atualmente, e, portanto, é necessário entender que este é sujeito que vive e chega hoje nos Centros Educacionais Infantis para então delimitar a partir desta concepção a forma de organização de tempos e espaço numa rotina peculiar da Educação Infantil.

A concepção de infância dos dias atuais é bem diferente de alguns séculos atrás. É importante salientar que a visão que se tem da criança é algo historicamente construído, por isso é que se podem perceber os grandes contrastes em relação ao sentimento de infância no decorrer dos tempos. O que hoje pode parecer uma aberração, como a indiferença destinada à criança pequena, séculos atrás era algo absolutamente normal. Por maior estranheza que seja causada, a humanidade nem sempre viu a criança como um ser em particular, e por muito tempo a tratou como um adulto em miniatura.

De um ser sem importância, quase imperceptível, a criança num processo secular ocupa um maior destaque na sociedade, e a humanidade lhe lança um novo olhar. Para entender melhor essa questão é preciso fazer um levantamento histórico sobre o sentimento de infância, procurar defini-lo, registrar o seu surgimento e a sua evolução.

Segundo Áries (1978, p. 99), “o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”.

Sendo assim, o sentimento que se tem pela criança é algo que merece atenção, pois se caracteriza muito diferente do adulto.

Le Grand Propriétaire, citado por Áries (1978, p. 06), comenta que na Idade Média não havia clareza em relação ao período que caracterizava a infância, muitos se baseavam pela questão física e determinavam a infância como o período que vai do nascimento dos dentes até os sete anos de idade.

Até o século XVII a sociedade não dava muita atenção às crianças. Devido às más condições sanitárias, a mortalidade infantil alcançava níveis alarmantes, por isso a criança era vista como um ser ao qual não se podia apegar, pois a qualquer momento ela poderia deixar de existir. Muitas não conseguiam ultrapassar a primeira infância. O índice de natalidade também era alto, o que ocasionava uma espécie de substituição das crianças mortas.

A perda de uma criança era vista como algo natural e que não merecia ser lamentada por muito tempo, “[...] as pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual [...]” (Áries, 1978, p. 22).

Por ser observada como um adulto em miniatura a criança tinha obrigações como a de um adulto e o adulto, por sua vez, não se preocupa em nenhum instante com a formação intelectual dos pequenos. A vivência da criança era em família e mesmo assim não lhe era assegurada a transmissão de valores e conhecimentos e, por consequência, era exposta a todo o tipo de experiência.

“A duração da infância não era bem definida e o termo ‘infância’ era empregado indiscriminadamente, sendo utilizado, inclusive, para se referir a jovens com dezoito anos ou mais de idade” (Áries, 1989). Dessa forma, a infância tinha uma longa duração, e a criança acabava por assumir funções de responsabilidade, queimando etapas do seu desenvolvimento. Até a sua vestimenta era a cópia fiel de um adulto.

No século XVII muitas transformações sociais que foram acontecendo contribuíram decisivamente para a construção de um sentimento de infância. As mais importantes foram as reformas religiosas católicas e protestantes, que trouxeram um novo olhar sobre a criança e sua aprendizagem. Outro aspecto importante é a afetividade, que ganhou mais importância no meio familiar. Foi só então a partir desta data que a educação passou a ter consideração.

A aprendizagem das crianças, que antes acontecia na convivência entre as crianças e os adultos em suas tarefas cotidianas, passou a acontecer no espaço

escolar. O trabalho com fins educativos foi substituído pela escola. As crianças foram separadas dos adultos e mantidas em instituições até estarem “prontas” para a vida em sociedade (Áries, 1978).

Surge uma preocupação com a formação moral da criança e a igreja se encarrega em direcionar a aprendizagem, visando corrigir os desvios da criança. Acreditava-se que ela era fruto do pecado e deveria ser guiada para o caminho do bem. Entre os moralistas e os educadores do século XVII, formou-se o sentimento de infância que viria inspirar toda a educação do século XX (Áries, 1989). Daí vem a explicação dos tipos de atendimento destinados às crianças, de caráter repressor e compensatório.

De um lado a criança é vista como um ser inocente que precisa de cuidados, do outro como um ser fruto do pecado. Segundo Kramer (2003, p.18)

Nesse momento, o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos, e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feita pelo adulto.

Esses dois sentimentos são originados por uma nova postura da família em relação à criança, que passa a assumir mais efetivamente a sua função.

Para Kramer (2003, p.18), “não é a família que é nova, mas sim o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII, inseparável do sentimento de infância”.

No século XVIII, além da educação, a família passou a se interessar pelas questões relacionadas à higiene e à saúde da criança, o que levou a uma considerável diminuição dos índices de mortalidade.

As mudanças beneficiaram as crianças da burguesia, pois as crianças do povo continuaram a não ter acesso aos ganhos representados pela nova concepção de infância, como o direito à educação e a cuidados mais específicos, sendo direcionadas para o trabalho.

A criança sai do anonimato e lentamente ocupa um espaço de maior destaque na sociedade. Essa evolução traz modificações profundas em relação à educação. Os estabelecimentos de ensino precisarão se adaptar às novas condições para atender as novas demandas, pois agora a aprendizagem ultrapassava apenas as questões religiosas.

Segundo Loureiro (2005, p. 36),

[...] nesse período começa a existir uma preocupação em conhecer a mentalidade das crianças a fim de adaptar os métodos de educação a elas, facilitando o processo de aprendizagem. Surge uma ênfase na imagem da criança como um anjo, “testemunho da inocência batismal” e, por isso, próximo de Cristo.

Percebe-se então o caráter cristão ao qual a educação das crianças foi ancorada.

Hoje, a criança é vista como um sujeito de direitos, situado historicamente e que precisa ter as suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais supridas, caracterizando um atendimento integral. Ela deve ter todas as suas dimensões respeitadas.

Zabala, ao citar Fraboni, comenta que:

A etapa histórica que estamos vivendo, fortemente marcada pela “transformação” tecnológico-científica e pela mudança ético-social, cumpre todos os requisitos para tornar efetiva a conquista do salto na educação da criança, legitimando-a finalmente como figura social, como sujeito de direitos enquanto sujeito social” (1998, p. 68).

Assim, a concepção da criança como um ser particular, com características bem diferentes das dos adultos, passa a ser respeitado e a legitimação de ser cuidado com respeito veio enaltecer ainda mais a valorização da criança, que contemporaneamente, é um portador de direitos enquanto cidadão, e vai gerar as maiores mudanças na Educação Infantil, tornando o atendimento às crianças de zero a seis anos ainda mais específico, exigindo do educador uma postura consciente de como deve ser realizado o trabalho pedagógico infantil, quais as suas necessidades enquanto criança e, principalmente, enquanto cidadão.

4 A ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS E A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O cotidiano das escolas de Educação Infantil é bem agitado e, desta forma, precisa ser bem pensado e planejado para não cair no costume de fazer sempre as mesmas coisas, por mais que se esteja falando em rotina e entendendo que esta é de suma importância para que a criança se sinta segura.

Ao se falar em rotina com um dia repleto de atividades organizadas pelos professores, é necessário pensar na questão espaço e tempo a todo o momento, pois às vezes o mesmo espaço será utilizado para diferentes atividades.

Organizar tempos de brincar, de tomar banho, de se alimentar, de repousar de crianças de diferentes idades nos espaços das salas de atividades, do parque, do

refeitório, do banheiro, do pátio, não é tarefa nada fácil e requer muita disponibilidade e organização dos educadores, além de um planejamento com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento das crianças.

A rotina, segundo Mantagute (2008), pode ser definida como uma categoria pedagógica utilizada nas instituições educativas para auxiliar o trabalho do educador, sobretudo, para garantir um atendimento de qualidade para as crianças.

A autora acrescenta ainda que a rotina também pode ser considerada uma forma de assegurar a tranquilidade do ambiente, uma vez que a repetição das ações cotidianas sinaliza às crianças cada situação do dia. Ou seja, a repetição de determinadas práticas dá estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra diminui a ansiedade das pessoas, sejam elas grandes ou pequenas. (Mantagute, 2008).

É possível observar nas escolas de Educação Infantil uma rotina de algumas atividades, pois geram segurança aos alunos. O imprevisível é sempre assustador nesta etapa de vida e colocam em risco o planejamento do professor. Quanto menores forem as crianças, maior deverá ser a rotina para que possam se acostumar com a previsão de situações que possam vir acontecer.

Entende-se que as atividades de rotina são aquelas que devem ser realizadas diariamente e, portanto, é necessário transformar o dia-a-dia escolar em uma planilha com atividades adequadas ao ritmo da instituição, das crianças e do professor, sendo possível sofrer modificações e inovações quantas vezes forem necessárias durante o ano letivo.

Barbosa afirma que:

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (BARBOSA, 2006, p. 201).

As ações que ocorrem na Educação Infantil, além de estarem bem planejadas, precisam estar articuladas ao fato do cuidar, ou seja, é pensar nos alunos de maneira integral.

Sendo assim, as atividades planejadas devem possibilitar que a criança se oriente na relação espaço/tempo para melhor realizar as ações cotidianas e, em contrapartida, o professor deve reconhecer as necessidades de mudanças quando necessário, deixando a criança propor sugestões para melhor desempenhar suas

tarefas, levando em consideração os elementos que compõem a rotina que fazem parte dos horários de alimentação, higiene, escovação de dentes, calendário, chamada, roda de música, oração, momento da novidade, ajudante do dia, hora do conto, repouso, atividades lúdicas e significativas, jogos diversificados como faz de conta, exploração de diversos materiais, ou seja, atividades que estimulem o desenvolvimento da criança. (Massena, 2011).

No que se refere à organização das atividades no tempo, nas escolas de Educação Infantil são necessários momentos diferenciados, organizados de acordo com as necessidades biológicas, psicológicas, sociais e históricas das crianças. Nesse sentido, a organização do tempo nas creches e pré-escolas deve considerar as necessidades relacionadas ao repouso, alimentação e higiene de cada criança, levando-se em conta sua faixa etária, suas características pessoais, sua cultura e estilo de vida que traz de casa para a escola (Barbosa; Horn, 2001).

Dentre as atividades que são relacionadas no cotidiano escolar da Educação Infantil algumas que se destacam:

Chegada à escola: receber a criança na porta da sala de aula é um momento importante, pois a criança sai do afago da mãe para as mãos do professor, que é figura essencial na escola e que transmite segurança para a criança.

Hora da Roda: é o momento que o professor proporciona às crianças para conversarem sobre as atividades que serão realizadas naquele dia, estimulando-as a contarem as suas vivências, trabalhando o calendário, a chamada e escolhendo o ajudante do dia.

Hora das Atividades: é o momento em que são organizadas as propostas sobre o conteúdo preparado pelos professores. Essas atividades podem ser realizadas de forma coletiva ou individual, podendo ser desenvolvidas em diferentes locais, dentro e fora da sala de aula.

O Lanche: é o momento que o professor pode explorar os alimentos trazidos pelas crianças ou dados pela escola, elevando a condição de vida saudável. Durante as refeições a criança tem a oportunidade de relacionar-se com o outro, adquirir muitos conhecimentos e ao mesmo tempo desenvolver sua autonomia. Comer não é apenas uma necessidade do organismo, mas também uma necessidade psicológica e social. Sendo assim, a hora do lanche deve ser proporcionada com prazer e alegria, buscando partilhar e trocar informações entre colegas, aprender a preparar e

cuidar do alimento com independência, bem como aprender a ter boas maneiras durante as refeições.

Higiene: Essa é a hora utilizada pelo professor para trabalhar os hábitos de higiene que preservam a boa saúde. Por isso, o professor deve realizá-la diariamente, visando ressaltar a necessidade de escovar os dentes após as refeições, lavar as mãos após utilizar o banheiro e antes das refeições, manter-se limpo, cuidando das unhas, entre outros aspectos.

Hora da Brincadeira: É o momento mais esperado pelas crianças. E é a oportunidade mais valiosa de aprender a conviver uns com os outros. É o momento de dividir, compartilhar ideias, regras, objetos e brinquedos. Na Educação Infantil, as brincadeiras devem fazer parte da rotina diária e devem ser exploradas de diferentes maneiras, sejam em jogos de tabuleiros, jogos expositivos, de faz de conta, brincadeiras coletivas ou ainda explorando o movimento e expressão corporal, pois proporciona à criança o conhecimento do próprio corpo, sendo assim, é necessário proporcionar atividades, fora e dentro da sala de aula, onde a criança possa se movimentar.

Atividades Extraclases: São atividades que o professor vai proporcionar para enriquecer seus conteúdos e desenvolver projetos e para isso o professor deve estar atento à vida familiar da comunidade e da cidade onde atua, buscando relacionar os conteúdos e que possam ser o início de novos projetos. Desta maneira, o professor pode programar passeios ao zoológico, cinema, teatro, hortas, circo, no bairro, na biblioteca, entre outros, que também enriquecerão as descobertas dos alunos.

Além das atividades citadas acima é possível realizar outras, como, por exemplo, as datas comemorativas que poderão ser incluídas na rotina da Educação Infantil, porém cada atividade e a determinação do tempo deverão ser adequadas à realidade da turma e ao trabalho desenvolvido pelo professor.

A rotina escolar não pode ser realizada de forma mecânica, pelo contrário, deve ser bem planejada, com horários e espaços determinados favorecendo o trabalho pedagógico e as necessidades das crianças.

As instituições de ensino que não possuem uma rotina adequada dificultam o trabalho do professor, bem como a adaptação e autonomia das crianças, portanto é necessário que a escola esteja em sintonia, para que todos, numa relação de parcerias, possam suprir as necessidades do bem comum, tornando o espaço escolar um lugar agradável de conviver e de muitas realizações de sucesso.

5 ELEMENTOS DA ROTINA PEDAGÓGICA

Para compreender e aprofundar ainda mais o assunto sobre a rotina na Educação Infantil é necessário observar alguns elementos que constituem a rotina. Esses elementos proporcionam ao educador pensar sobre os conteúdos que poderão ser transmitidos, quais as práticas decorrentes da execução que são assimiladas por seus praticantes, quais os hábitos de estruturação mental e moral que estão sendo constituídos e que tipo de subjetividades está sendo definida (Barbosa, 2006, p. 117). De acordo com a autora, são quatro os elementos que constituem a rotina: a organização do ambiente; os usos do tempo; a seleção e as propostas de atividades; a seleção e a oferta de materiais.

5.1 A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE

Em se tratando de ambiente comum pode-se definir como um espaço construído para estabelecer relações com os seres humanos. Já o espaço físico é o lugar do desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações, e a partir da sua riqueza e diversidade ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. O ambiente é fundamental na constituição dos sujeitos por ser um espaço de entrelaçamento cultural. A criança necessita de um ambiente agradável para o desenvolvimento de seu processo de aprendizagem. Conforme ressaltado por Laevers (2004), quando as crianças se sentem tranquilas e à vontade, agem espontaneamente umas com as outras e com os adultos, estão preparadas para conhecer o mundo e receber informações, são acessíveis, expressam vitalidade e autoconfiança.

Há de se notar que na escola é possível planejar os espaços dos jogos na sala de aula, logo, o espaço de trabalho pode ser transformado em espaço de jogo, podendo então ser desenvolvidas atividades aproveitando mesas, cadeiras e divisórias como recursos. A estruturação de espaços que não permitem uma ambientação adequada às pessoas que frequentam cotidianamente esses lugares reflete o desrespeito à diversidade cultural das diferentes etapas de desenvolvimento, bem como gera a desconsideração do direito da criança a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante.

O espaço deve ser múltiplo, possibilitando viver intensamente a curiosidade, o faz de conta, ao mesmo tempo em que deve conter os elementos que constituem as crianças como seres que sentem pelo cheiro, pelo toque, pelo gosto, pelo olhar e

pela audição. Devem ser espaços que ampliam a criação, recriação e que possibilitam a manifestação cultural.

5.2 OS USOS DO TEMPO

Assim como é preciso organizar o espaço, o tempo é outro fator imprescindível para o desenvolvimento das crianças. A ordem temporal se une ao espaço para regular a organização e para ajustar as direções básicas da aprendizagem.

Para Coutinho (2002), a boa utilização do tempo será refletida no desenvolvimento dos alunos, portanto entende-se que a rotina deve ser planejada e estar dentro das ações de cada instituição. E para que isso aconteça é necessário que a escola organize momentos diferenciados que certamente serão diferentes em cada idade, pois é necessário respeitar o tempo e maturidade de cada etapa e, principalmente, respeitar as questões biológicas das crianças, a necessidade de descanso, alimentação, higiene, etc.

O espaço e o tempo são elementos que auxiliam também no desenvolvimento da autonomia da criança.

5.3 A SELEÇÃO E A OFERTA DE MATERIAIS

Os profissionais da Educação Infantil precisam estar atentos ao escolher materiais para utilização na escola, pois às vezes alguns materiais podem ser prejudiciais.

Quando a criança é muito pequena precisa ser estimulada para que tenha a possibilidade de se desenvolver mentalmente e a utilização de materiais diferenciados pode ser um grande colaborador. Sabemos que os materiais didáticos são necessários na pré-escola, porém, a aquisição dos mesmos nem sempre é facilitada, pois nem sempre as escolas possuem condições financeiras para adquirir materiais adequados e acabam optando pelo melhor preço, colocando para segundo plano a qualidade. Neste sentido cabe ressaltar aqui o trabalho com materiais alternativos, como, por exemplo, os recicláveis, que são determinantes no desenvolvimento da criatividade.

Por mais que o mercado brasileiro tenha ampliado na produção de brinquedos, jogos e equipamentos educativos, nem sempre as escolas têm acesso a esses materiais.

Uma defensora do uso adequado de materiais na pré-escola foi Maria Montessori, médica italiana que defendeu a ideia de que na educação infantil os materiais didáticos devem favorecer o desenvolvimento intelectual. Nessa fase, a criança precisa de atividades sensoriais, atividades de vida prática e atividades que ajudem a adquirir informações de sua cultura. Além disso, precisa de momentos de silêncio interior e exterior para poder refletir e aprender. Do ponto de vista montessoriano a escola deve ser um “ambiente preparado” para os educandos, com materiais que favoreçam o desenvolvimento de características bem definidas, de acordo com cada faixa etária. Este ambiente deverá permitir à criança chegar gradualmente e de acordo com o seu ritmo à conquista de conhecimento.

Para Machado (1986), Montessori ressalta que os elementos que compõem a sala de aula devem estar ao alcance dos olhos e das mãos das crianças, incluindo as janelas com vistas para fora do ambiente fechado, assim são considerados elementos importantes: mesinhas e cadeiras com dimensões confortáveis à criança e construída de material leve, para que as possam carregá-las; pias à altura das crianças, com pequenos armários individuais fechados; lousas e pequenos quadros, que variam conforme a época e estações do ano; materiais pedagógicos bem organizados e bem distribuídos, em uma arrumação disciplinada.

5.4 A SELEÇÃO E AS PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Na Educação Infantil, as áreas de conhecimento precisam ser entendidas numa perspectiva interdisciplinar, já que a contribuição de todas é fundamental para a não fragmentação do conhecimento.

Perrenoud (1995) nos permite pensar que as condutas exigidas da criança tanto ensinam a viver na organização escolar quanto em outras organizações voltadas para o mundo do trabalho. A aquisição da leitura e da escrita acontece ao mesmo tempo com outras aprendizagens fundamentais, necessárias ao desempenho de funções produtivas no mundo das organizações, tais como: o respeito às normas quanto ao método de trabalho, o tempo e o ritmo exigido para a produção, entre outros aspectos. A criança aprende algo sobre a relação com os outros, com a autoridade, com a regra e com as tarefas lá executadas.

Barbosa (2000), em suas observações, verificou que nas instituições brasileiras existem dois grandes grupos de atividades. Em um deles, estão aquelas práticas que se constituem em rituais de socialização e de cuidados e que utilizam

parte expressiva do tempo da jornada na educação infantil que são constituídos pelos momentos da entrada, do recreio, da alimentação, do sono e outras atividades; e outro grupo, o das atividades consideradas pedagógicas. Nesse segundo grupo, é possível encontrar uma variabilidade de atividades como música, desenho, leitura, brincadeiras e outros, porém não há conteúdo educativo desvinculado dos gestos de cuidado. Não há um ensino que deixe de utilizar a atenção afetuosa, alegre e construtiva da professora. Por outro lado, os conteúdos educativos da proposta pedagógica não são desvinculados da realidade dos alunos.

6 MATERIAL E MÉTODOS

Na elaboração deste trabalho utilizou-se o método dedutivo, através de pesquisas bibliográficas sobre o tema escolhido. Segundo Prestes (2008, p. 26), “a pesquisa bibliográfica é aquela que busca adquirir conhecimentos a partir de informações provenientes de materiais gráficos ou de outras fontes”. Foram feitas leituras, pesquisas de fontes que abordassem a temática estudada, como livros, artigos, documentos, materiais de meio eletrônico, resumos e análises dos principais pontos pertinentes à temática tratada, buscando elucidar as questões descritas.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento deste trabalho pode-se perceber que, do ponto de vista histórico, as instituições de atendimento à criança sofreram diferentes modificações que foram desde o assistencialismo até a consolidação de um espaço que cuida e educa a criança pequena.

As famílias sofreram transformações significativas no decorrer dos tempos em função da saída da mulher para o mercado de trabalho. Devido a essas mudanças, houve a necessidade de se pensar um outro ambiente de educação para além da família. Assim, com essa nova forma de organização familiar, aliada às determinações das leis, pode-se afirmar que a educação infantil não só garantiu seu espaço, mas foi reorganizada com objetivos que contemplassem o desenvolvimento infantil de forma integral.

Ao refletir sobre o desenvolvimento dos pequenos, logo pensamos em como proporcionar uma rotina pedagógica capaz de contribuir com sua formação, já que, em se tratando de crianças, logo vislumbramos a brincadeira, a imaginação e o faz

de conta. Por meio desses elementos elas inventam seu próprio mundo com criatividade e autonomia.

E partindo dessa concepção de brincadeira no desenvolvimento integral da criança é que destacamos a rotina como um elemento importante na organização do trabalho pedagógico do professor, haja vista que se constituem o ponto de partida para o desenvolvimento de hábitos saudáveis relacionados à construção dos conhecimentos infantis.

Os resultados desse estudo mostram que a organização da rotina pode contribuir para o enriquecimento das experiências das crianças ou comprometer o seu desenvolvimento, considerando que todo o trabalho está pautado na responsabilidade de cada profissional que deve ter em mente a concepção de infância e nos elementos auxiliares de seu desenvolvimento.

O professor precisa ter clara toda a organização do trabalho pedagógico a fim de avaliar as atividades que planeja e as suas próprias atitudes frente à criança. Deve atuar como mediador entre as crianças e o mundo ao seu redor. Deve avaliar o desenvolvimento do grupo onde atua e de cada criança, em particular, sem compará-las umas às outras, compreendendo que cada uma delas carrega histórias de vida e ritmos de desenvolvimento próprios.

Sendo assim, considera-se este estudo de grande importância para a formação de professores no sentido de instrumentalizá-lo para uma melhor atuação na sala de aula, principalmente na elaboração do planejamento na Educação Infantil.

Finalizando, é importante reiterar a importância da rotina como estratégia para o desenvolvimento das atividades, sobretudo daquelas que se destinam à organização dos espaços e tempo.

Mais que uma organização, é necessário respeitar a criança em sua individualidade e sua faixa etária, para que possa em cada momento de sua vida viver de maneira saudável e feliz.

8 CONCLUSÃO

Neste trabalho foram coletadas informações acerca da infância e discutido sobre a história da Educação Infantil para focalizar a criança de antigamente e a criança que se tem na sociedade contemporânea. Conseguiu-se perceber qual o perfil atual do educador e foi possível explicitar sobre a rotina escolar.

Pesquisaram-se documentos históricos e a pesquisa foi alicerçada em documentos legais, leram-se experiências vivenciadas e perceberam-se os avanços e precariedades no Ensino da Educação Infantil.

Diante dos estudos realizados é possível concluir que a rotina das crianças desta faixa etária é fundamental para a organização das atividades diárias nas diversas instituições de ensino.

Ainda no decorrer deste trabalho foi perceptível a responsabilidade que o profissional da educação tem em relação ao desenvolvimento da primeira infância e que é necessário refletir sobre as atividades pedagógicas e a noção do quanto é importante se trabalhar num ambiente onde o espaço é organizado e a rotina é adequada, de modo a propiciar um desenvolvimento integral e pleno da criança. A escola em que a criança passa a maior parte de sua vida é, hoje, um dos locais mais favoráveis para que se impulse o processo de desenvolvimento infantil e, por esse motivo, a instituição deveria ser valorizada e encarada como um local fundamental e importante para a sociedade contemporânea.

A rotina promove segurança e autonomia, aspectos considerados de extrema importância para que a criança possa mais tarde se tornar um adulto consciente do seu papel na sociedade, sendo capaz de exercer sua autonomia e atuar com segurança nas funções que serão de sua própria escolha.

Fica aqui uma contribuição para que outros acadêmicos e pessoas interessadas na Educação possam utilizar este material como aporte teórico pesquisado e que possam dar prosseguimento a este estudo que foi tão significativo e importante para que, enquanto acadêmico, pudesse entender um pouquinho mais a respeito da importância da rotina na Educação Infantil, que hoje julgo ser importante nas decisões da minha vida.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

BARBOSA, Maria C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 67-79

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Departamento da Política de Educação Fundamental. Coordenação-Geral de Educação Infantil. **Proposta pedagógica e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise.** Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1996

ECA, **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei N° 8.069/90.

FRABBONI, Franco. **A Escola Infantil entre a cultura da Infância e a ciência pedagógica e didática.** In: ZABALZA, Miguel A. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre. Artmed, 1998.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce.** 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

LAEVERS, F. **Educação Experiencial: tornando a educação infantil mais efetiva através do bem-estar e do envolvimento.** Contrapontos. Revista de Educação da UNIVALI, v.4, n.1, p.57-59, janeiro/abril, 2005.

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei N° 9.394/96.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista.** Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

MACHADO, T. L. **Educação Montessori.** São Paulo: Pioneira, 1986

MANTAGUTE, Elisângela L. L. **Rotinas na Educação Infantil.** Disponível em: <http://200.195.151.86/sites/educacao/images/stories/elisangelarotinas_na_educacao_infantil.pdf>. Acesso em 03 out. 2015.

MENDES, Raimunda Lopes Rodrigues. **Educação Infantil: as lutas pela sua difusão.** Belém, UNAMA, 1999.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção científica: do planejamento aos textos da academia.** São Paulo: Rêspel, 2008.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do Trabalho Acadêmico.** Indaial: ASSELVI, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Formação Social da Mente.** SP: Martins Fontes, 1989.

ZABALA, A. **A Prática Educativa: como ensinar.** Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.